

N. CLASS.
CUTTER
ANO/EDIÇÃO

FACULDADE TRÊS PONTAS – FATEPS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ROBERTA CRISTINA NASARETH

INDISCIPLINA: autoridade e autonomia

Três Pontas
2016

FEPESMIG

ROBERTA CRISTINA NASARETH

INDISCIPLINA: autoridade e autonomia

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob a orientação do Prof. Esp. Paulo Leandro de Carvalho.

**Tres Pontas
2016**

ROBERTA CRISTINA NASARETH

INDISCIPLINA: autoridade e autonomia

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovado(a) em: 23/06/2016

Prof. Esp. Paulo Leandro de Carvalho

Profa. Ma. Eliane Maria Morais Menegatto

Profa. Samantha Guimarães de Castro

OBS:

INDISCIPLINA: autoridade e autonomia

Roberta Cristina Nasareth*
Paulo Leandro de Carvalho**

RESUMO

O presente artigo reflete sobre a necessidade dos professores e demais profissionais terem um olhar reflexivo sobre a questão de indisciplina que é muito discutida nas escolas e entre os gestores. Relacionando-a com a autoridade e autonomia dos professores, geralmente centraliza nos alunos e suas relações do seu cotidiano. Aborda a indisciplina em si, dentro da escola e do cotidiano de cada aluno e os fatores que se relacionam com a indisciplina. Discute-se formas de intervenções e abordagens nas situações de indisciplinas, de forma a ajudar os professores a administrarem sua sala, enfatizando técnicas de encaminhamento e algumas sugestões preventivas. Destaca-se também, que o professor, regente da sala de aula, deve manter sua autoridade em relação à indisciplina, a qual muitas vezes causa desordem em sala de aula.

Palavras-chave: Aluno. Indisciplina. Intervenção.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o tema Indisciplina: autoridade e autonomia, entendida como desobediência que ocorre no dia-a-dia das crianças e aborda também a autoridade que os pais e professores devem ter em relação a isto. Sabendo-se que não há uma única solução para se resolver este problema, discute-se procedimentos e intervenções a serem trabalhadas. Tal abordagem se faz necessária para que todos os professores que atuam nessa área, tenham mais confiança quando entrar em sala de aula, sabendo que tal procedimento poderá ser usado para conter os alunos e manter a disciplina na sala enquanto as matérias são desenvolvidas.

Este estudo apresenta aos professores intervenções e algumas práticas em sala de aula,

*Roberta Cristina Nasareth-Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas-FATEPS-Email:robertacristinanasareth@gmail.com

**Paulo Leandro de Carvalho – Prof. Esp. do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas-FATEPS. Email: pauloleandrotp@yahoo.com.br

nas quais os alunos desenvolvam maior concentração e façam da sala, da escola, um lugar prazeroso, bom de estar e não um ambiente de discórdia. Esse artigo discute também sobre professor reflexivo, que pensa no aluno e tenta ajudá-lo em todos os momentos, principalmente em sala de aula, fazendo com que ele melhore seu desempenho e desenvolvimento.

O trabalho baseou-se em pesquisa bibliográfica sendo os principais autores utilizados: Aquino (1996), De La Taille (1996), Parrat-Dayana (2015), os quais abordam a formação de um cidadão crítico, desenvolvimento de aulas criativas, dinâmicas para despertar o interesse dos alunos, buscando trazer sua cultura e sua vida para dentro da escola.

2 O QUE VEM A SER INDISCIPLINA NA SALA DE AULA?

A indisciplina em si é colocada como a falta de disciplina, a desobediência às autoridades e falta de respeito às regras estabelecidas pelos professores e gestores da escola.

A indisciplina no meio educacional é vista como a manifestação de um aluno com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzido na falta de educação ou desrespeito pelas regras pré-estabelecidas, na bagunça, agitação ou desinteresse. (CHAGAS, 2001, p.39).

A indisciplina é representada por vários requisitos que prejudicam o caminhar do desenvolvimento pedagógico. Dentre esses prejuízos estão a não realização das tarefas propostas pelo professor e a falta de obediência dos alunos, causando uma enorme dificuldade no aprendizado e, na maioria das vezes, gerando conflitos em sala de aula, com professores e com os próprios colegas.

Conforme Parolin (2005, p.72) “a construção da disciplina é feita de forma coletiva entre, alunos e professores.”. A comunicação conjunta contribui para que se chegue a uma conclusão do que querem, ouvindo o que cada aluno tem de diferente e trazer para a sala de aula e suas histórias.

Os educadores devem repensar a sua concepção de disciplina-indisciplina. Disciplina é compreendida como possibilidade do enfrentamento das situações de conflito entre o professor, o aluno e o conhecimento, sem que se percam os respectivos papéis sociais e o objetivo do processo de escolarização que é construir o cidadão instrumentalizado para ser feliz. (PAROLIN, 2005, p.84).

Nesse processo, para que os alunos possam ser considerados disciplinados, tem que haver uma boa relação com os professores em sala de aula. Porém, antes que isso aconteça, os

professores devem conhecer os alunos e principalmente suas dificuldades e necessidades, educacionais e aspectos da vida pessoal.

Para Kant (apud DE LA TAILLE, 1996) a disciplina é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural selvagem. Não se trata, portanto, apenas de bons modos: trata-se de educar o homem para ser homem, redimi-lo de sua condição animal.

Diz o autor que, o ser humano vem com um conceito de ser indisciplinado, portanto, aqueles que conseguem manter-se disciplinado, deixa de lado essa condição que a sociedade os impõe.

Parrat-Dayan (2015, p.86) acredita que “em geral, o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina, que na linguagem correta significa regra de conduta comum a uma coletividade para manter a boa ordem e, por extensão, a obediência à regra.”

O professor, para se ajustar e desenvolver sua aula de maneira com que os alunos realmente aprendam, deve em primeiro lugar manter a ordem. Sala desorganizada não é um ambiente bom para a aprendizagem e, para que isso aconteça, tem que se seguir regras, principalmente a regra de obediência.

É isto que se pode dizer de maneira extrema ou global. Uma sala de aula pode assemelhar-se aos caos do trânsito nas ruas e estradas. Cada motorista deseja que os outros admirem seu carro, mas não aceita que julguem sua maneira de guiar, cada vez mais desregrada. Cada aluno quer ser admirado pessoalmente, mas não concebe que alguém possa condenar seus comportamentos sociais. Quem o fizer não passará de um “moralista”, supremo insulto! (DE LA TAILLE apud AQUINO, 1996, p.20).

O autor apresenta situações que se assemelham a uma sala indisciplinada, onde todos os alunos querem mostrar o que sabem e se aparecerem para os outros colegas, mas não aceita que nenhum deles apontem seus defeitos e os julguem. Para eles, o seu comportamento é mera justificativa das críticas feitas pelos colegas e professores.

Se o objetivo for, por exemplo, a formação de um aluno crítico, capaz de pensar e intervir na realidade social e exercer assim uma conduta cidadã, o exercício do pensamento crítico na escola pode tomar a forma de condutas de rebelião e criar situações de conflito com as quais os professores não estão suficientemente preparados para lidar. (PARRAT-DAYAN, 2015, p.22).

Para os que alunos se tornem cidadãos com condutas ou regras estabelecidas pela sociedade não é fácil, pois cada um vem de uma comunidade diferenciada. Por isso, quando se trata desse assunto, se estabelecem os conflitos e interesses. Os professores, que não estão

preparados para lidar com esse tipo de comportamento, se sentem sem autoridade, mas não por falta de competência e sim por não estarem acostumados com certas atitudes.

2.1 Fatores relacionados à indisciplina na sala de aula

Há vários fatores relacionando a indisciplina em sala de aula que atrapalham o aluno a se concentrar em sala, ainda não se foi confirmado algo que possivelmente acabaria com ela, pois não existe. Um deles seria a falta de atenção de seus familiares em relação aos alunos, o que contribui para prejudicá-lo a executar as atividades na escola.

Para Lajonquiére (apud AQUINO, 1996) é possível concluir que o mal da educação atual não seria apenas um, mas dois, pois haveria de se acrescentar a chamada indisciplina escolar.

O autor relata que, atualmente, existem problemas em sala de aula, os quais os professores chamam de indisciplina. Outro problema seria a falta de comprometimento com as tarefas que são propostas, tanto do aluno quanto dos familiares, dificultando assim, o seu desenvolvimento em sala.

A indisciplina como dissemos, está associada a normas e regras sociais e morais. A massificação fez com que alunos de diferentes culturas frequentassem a escola. Por isso, a causa da indisciplina poderia ser atribuída ao fato de normas, referências, maneiras de ser e costumes possuírem aspectos diferentes de uma cultura para a outra e de os alunos não conhecerem as normas da cultura do professor. (PARRAT-DAYAN, 2015, p. 55).

Parrat-Dayan (2015, P.78) diz que “Pensa-se que a escola, para solucionar o problema da indisciplina, deveria recuperar os limites que foram perdidos na sociedade por meio da aplicação de um regulamento estabelecido.”

A culpa de serem indisciplinados não é apenas dos alunos, a sociedade toma certas atitudes que fazem com que os alunos ajam de forma equivocada. Dessa forma, para que os alunos mudem, a sociedade também tem que ser mudada, seguindo os regulamentos, por uma comunidade de paz e amor ao próximo.

Segundo Tiba (1996) a educação escapou ao controle da família porque, desde pequena a criança já recebe influências da escola, dos amigos, da televisão e da internet.

Neste caso, não se sabe ao certo de quem realmente seria a culpa de tanta desobediência, de tanta indisciplina, pois, os alunos desde pequenos aprendem coisas que não

devem, em todos os lugares. Os pais de hoje deixam seus filhos muito a vontade, sempre vendo televisão, usando internet e vendo coisas inadequadas para a sua idade.

3 INDISCIPLINA NA SALA DE AULA: o papel do professor reflexivo

O professor por sua vez, procura interferir na aprendizagem do aluno de forma reflexiva, não apenas transmitindo conteúdos aos alunos, mas construindo juntamente com eles, agindo ativamente na vida daqueles alunos indisciplinados que precisam de uma atenção maior. Professor reflexivo é

[...] uma antiga figura da reflexão sobre a educação, cujas bases podem ser encontradas em Dewey, sobretudo na noção de *reflective action*. Encontramos a ideia- e não a expressão- em todos os grandes pedagogos que, cada um a seu modo, consideraram o professor ou o educador um inventor, um pesquisador, um improvisador, um aventureiro que percorre caminhos nunca antes trilhados e que pode se perder caso não reflita de modo intenso sobre o que fez e caso não aprenda rapidamente com a experiência. (PERRENOUD apud MAIA; SANTOS, 2002, p. 13).

Espera-se que esse professor seja dinâmico e possa realizar suas práticas diárias buscando sempre ser autônomo em suas decisões em sala, partindo sempre de suas próprias experiências, ajudando os alunos a ganharem novos conhecimentos, sempre juntos.

Vasconcellos (2002, apud MAIA; SANTOS, p. 29) afirmam que “o professor precisa exercer a capacidade de reflexão, de crítica, de intervenção, para que ocorram mudanças nas estruturas educacionais.”

O professor em sala de aula deve exercer bastante reflexão, fazendo interferências não só com os alunos, mas também pedir apoio aos familiares. Contando com isto, os alunos terão mais confiança em ressaltar suas dificuldades.

Olhar para a sala de aula tendo como base essa concepção de indisciplina faz diferença. Os benefícios certamente serão maiores se houver o envolvimento institucional. Por isso, o trabalho exige não apenas autorreflexão mas também formação e esforço de equipe. Para transformar o ambiente, o discurso tem de ser constante e exemplificado por ações de todos. (VICHESSI, 2009, p.48).

Em uma sala de aula, precisa-se que tenha o apoio de toda a equipe escolar, para que o ambiente, e até mesmo a aprendizagem do aluno possam melhorar.

[...] é possível olhar retrospectivamente e refletir sobre a reflexão-na-ação. Após a aula, o professor pode pensar no que aconteceu, no que observou, no significado que lhe deu e na eventual adoção de outros sentidos. Refletir sobre a reflexão-na-ação,

uma observação e uma descrição, que exige o uso de palavras. (SCHÖN apud MAIA; SANTOS, 1992, p. 83).

Acredita-se que o professor após as aulas observadas, passe a ter uma ação sistemática e buscar a reconstrução da mesma. Para Zeichner (1993, p. 18) “A ação reflexiva também é um processo que implica mais do que a busca de soluções lógicas e racionais para os problemas.”

Deste modo, a reflexão origina-se da paixão, emoção, intuição, por isso nenhuma técnica poderá ser ensinadas, elas veem do coração.

3.1 A autoridade do professor e a construção da autonomia do aluno

Como manter a autoridade do professor em uma sala de aula? Esse é um ponto de partida importante para começar a se fazer a relação entre professor e aluno e também na constituição do professor não só como aquele que apenas ajuda na busca de conhecimento, mas como aquele que contribui para a formação de cidadãos competentes para a nossa sociedade.

Para Cabanas (2002, p.215 apud CORRÊA, 2013, p.73) “o direito da criança a ser educada requer que educador possua moral sobre ela, e esta autoridade não é outra coisa senão o dever do adulto para com a liberdade da criança”. Nesse momento cabe ao professor fazer reflexões rigorosas sobre as situações de indisciplina e também sobre o seu planejamento para que essas questões não se enquadrem uma perspectiva autoritária e nem permissiva demais.

Analisando ainda nesta perspectiva a relação aluno e professor concretiza-se a partir da garantia de um ambiente escolar adequado, cujos principais objetivos norteadores são de construção da própria imagem do aluno positivamente diante do saber escolar.

Xavier (2002, CORRÊA, 2013, p.71) afirma sobre “a dificuldade das escolas em traçar em seus objetivos o trabalho de disciplinamento escolar, inclusive relacionando à aprendizagem da autonomia estudantil.”

Na maioria das vezes, os professores que são entendidos como “progressistas”, tem dificuldades para assumirem a sua autoridade diante da sala de aula, entendendo, assim, que a questão de autoridade se assemelha a autoritarismo levando-os a negar a autonomia dos estudantes e sua participação nos âmbito escolar.

A escola hoje, pelo menos as comprometidas com propostas mais democráticas e progressistas, não se vê como produtora de sujeitos disciplinados e ordeiros, como nas propostas tradicionais, mas também não assume a construção de sujeitos autônomos e auto-disciplinados, como supostamente seria o defensável – não há planejamentos, ao menos explícitos para isto. A escola não fala sobre o seu poder de produzir. (XAVIER, 2002, p. 153 apud CORRÊA, 2013, p.72).

O professor, seja qual for sua área de conhecimento, deve estimular o desenvolvimento de capacidades e habilidades e possibilitar que ampliem seu olhar para o mundo, numa perspectiva de transformação entre a sociedade e a cultura, e também a se tornar cidadãos críticos para a tentativa de melhora do mundo.

Além disso, é preciso que leve os alunos a encontrem sentido nos conteúdos ensinados e os articule ao mundo do trabalho, estimulando a tolerância e a flexibilidade de pensamento.

Os professores que já conseguem um maior desenvolvimento no que tange à relação de limites e afetividade dizem que é ‘necessário ter paciência, não pode haver imediatismo, já que valores são desenvolvidos aos poucos’. Entendem que os valores não são criados como uma lista de regras, mas são construídos na convivência, através do respeito e no cotidiano. (PEREIRA, 2011, p. 108 apud CORRÊA, 2013, p.75).

Esse autor relata que um professor para reger uma sala de aula não pode momento algum perder a cabeça, principalmente sabendo que esses alunos são indisciplinados, alunos que precisam de atenção. Pontuando-se também que esse convívio com os colegas e professores, no cotidiano escolar, deve ser construída aos poucos.

Os princípios de convivência foram trabalhados, dando embasamento para as práticas pedagógicas dos professores fizeram os estudantes “ter o adulto como modelo, como ideal de afeto, conduta, de ser humano, o que por sua vez, vão fazê-los perseguir e modificar seus valores, sendo respeitados, internalizando esses conceitos e dando o mesmo tratamento para os demais” (PEREIRA, 2011, p. 109 apud CORRÊA, 2013, p. 76).

Explica o autor, as atitudes a serem tomadas dentro da sala de aula, sempre embasando o pedagógico e fazendo como referência os adultos, onde eles irá modificar o seu modo de agir respeitando esses conceitos e até tendo um afeto sobre o seu ideal, sobre onde quer chegar.

3.2 Possíveis intervenções na indisciplina

Primeiramente, não existe uma solução única para a indisciplina, penas intervenções

para que o professor possam conduzir os alunos para se realizar uma boa aula. Saber diagnosticar um aluno para conhecer a causa da sua indisciplina é uma tarefa complexa.

Se levarmos em conta o desenvolvimento moral da criança e se adotarmos um enfoque construtivista tanto no ponto de vista psicológico quanto pedagógico, é possível imaginar uma escola onde o problema da disciplina diminua fortemente. Se quisermos combater a indisciplina é importante que na sala de aula possam ser discutidos, de maneira democrática, não apenas os conteúdos escolares mais, também, as regras de convivência. Isto implica que as regras podem ser criadas, negociadas e renegociadas. (PARRAT-DAYAN, 2015, p.69).

Deste modo, o professor permitirá que os alunos se manifestem em uma relação que eles estão agregados, deixando-os falarem por si mesmos, fazendo com eles possam acreditar na sua própria mudança, na sua cooperação para com os seus colegas de sala, e entenderem que o professor estará sempre pronto para ajuda-los. Sendo assim, a ideia do professor em sala de aula, não deverá ser única, mas consultar e debater com os alunos sobre todas as decisões que serão tomadas.

Mude de estratégia. Deixe-o ser como é, faça força e finja que o ignora. Após a aula, calmamente e de maneira extremamente discreta, chame esse aluno. Jamais para reclamar ou “broquear”; chame-o apenas para conversar. Faça-o descobrir que você quer ajuda-lo, sabendo o que desagrada tanto, o que tantas vezes leva-o a tanto desinteresse. (ANTUNES, 2002, p.18).

Desta forma, o autor mostra que este professor optou por uma atitude civilizada, fazendo com que o aluno perceba que ele é o alvo da sala, e que realmente ela interessa ajudá-lo. O aluno, vendo essa reação, verá que a professora tem o controle da sala e dele, resolvendo um assunto que a desagradava.

A indisciplina se refere às condutas, atitudes, modos de socialização, relacionamentos e desenvolvimentos cognitivos, que demonstram os estudantes, e que tendem a não reproduzir, divergir ou mesmo negar as orientações, expectativas ou oportunidades apresentadas pela escola (GARCIA apud MAIA; SANTOS, 2001, p. 376).

Entende-se que esses comportamentos dos alunos chamado de indisciplina, como tudo aquilo que possa interferir no processo de ensino aprendizagem do educando. Cabe a escola e ao professor aplicar em sala trabalhos que possam fazer sua mente a pensarem nas suas atitudes e mostrar qual seria a forma correta de agir, cumprindo com as regras estabelecidas.

O desafio que se coloca, portanto, é que, de um lado, o professor deve exigir esforços, dedicação, disciplina dos alunos e, de outro, deve exigir-se, de maneira a construir uma adequada proposta de trabalho, [...] vinculada às reais necessidades

dos alunos (conteúdo significativo e metodologia participativa).(VASCONCELLOS apud MAIA; SANTOS, 2004, p.96).

Acredita-se que o professor deve fazer uma reflexão sobre sua própria experiência, podendo melhorar no ensino dos alunos. A intervenção é feita pelo professor através da reflexão sobre as condutas e atitudes de seus alunos, buscando a causa perturbadora para a amenização dos problemas.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que a indisciplina pode ter significações diferenciadas de acordo com a situação que se encontra as regras da escola.

Acredita-se que o professor deve ser reflexivo e buscar ser dinâmico em suas aulas, para que os alunos sintam-se a vontade e acolhidos por todos da instituição. Para que o alcance e o êxito desse trabalho, todos devem trabalhar em prol das necessidades do aluno, mostrando a eles que são importantes e podem confiar em cada um que ao seu lado se encontra.

A escola deve incluir a sociedade, os familiares em qualquer que seja as atividades da escola, para que possam ambos trabalhar juntos para um melhor desenvolvimento de seus filhos, tanto em questão cognitivas, psicológicas e em seu pedagógico.

Este artigo requer maiores estudos relativos ao desenvolvimento desse alunos indisciplinados nas escolas, pois o trabalho com o mesmo é de extrema relevância para seu futuro. É importante que todos os profissionais da Educação busquem aperfeiçoamento e novas metodologias para que o ensinamento se realize de forma eficaz, criativa, contextualizada e significativa.

Finalizando, resalto a importância de novas práticas pedagógicas aos docentes, visando o auxílio na construção da autodisciplina dos alunos, sendo tão valiosa para sua formação e, sobretudo, para sua vida.

INDISCIPLINE : authority and autonomy

ABSTRAT

The article reflects about the necessity between teachers and the professionals to have a reflective look about the indiscipline problem that is very discussed in schools and managers. Related to the authority and autonomy from teachers, usually centralized in

students and their daily relations. Refers the indiscipline itself, inside the school and daily relations from the students and the factors that relate to indiscipline. Discuss it forms to intervene and approaches in indiscipline situations, to help the teachers to administer your class, emphasizing routing techniques and some preventive suggestions. It stands too, that the teacher, conductor from the classroom, should keep his authority against the indiscipline, which often causes disorder in classroom.

Palavras-chave: *Student. Indiscipline. Intervention.*

REFERÊNCIAS

ANTUNES Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil:** A questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ. Vozes, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa. **A indisciplina na escola:** Alternativas teórica e prática. São Paulo: Summus, 1996.

CORRÊA, Mariana Luiza. **A construção da autoridade docente e da autonomia estudantil:** currículos e práticas possíveis na escola. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/viewFile/973/1589.2003>. Acesso em 20 jun. 2016.

DE LA TAILLE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa. **A indisciplina na escola.** São Paulo: Summus, 1996.

MAIA, Elisângela Moreira de Oliveira; SANTOS, Lucélia Gonçalves. **Formação de Professores.** Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Formacao_de_Professores/Trabalho/0_A_indisciplina_escolar_e_a_intervencao_do_professor_reflexivo.pdf. Acesso em 20 jun. 2016

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo: Contexto, 2015.